

LIÇÃO 8 - Os Gêneros São Princípios das Coisas? E, Em Caso Afirmativo, Isso se Aplica aos Gêneros Mais Universais ou aos Mais Próximos dos Indivíduos?

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 3: 998a 20-999a 23

- !20. Acerca dos princípios das coisas, há o problema de saber se os gêneros devem ser considerados os elementos e princípios das coisas, ou antes as primeiras coisas de que cada coisa é composta enquanto intrínsecas a ela.
- !21. Assim como os elementos e princípios de uma palavra parecem ser aquelas coisas de que todas as palavras são primeiramente compostas, mas não a palavra em comum. E assim como dizemos que os elementos dos diagramas são aquelas coisas cujas demonstrações são encontradas nas demonstrações de outros, seja de todos ou da maioria deles.
- !22. Além disso, aqueles que dizem que os elementos dos corpos são muitos, e aqueles que dizem que são um, chamam de princípios as coisas de que os corpos são compostos e constituídos, como Empédocles diz que o fogo e a água e aquelas coisas que estão incluídas com estes são os elementos a partir dos quais as coisas existentes derivam seu ser; mas ele não fala deles como os gêneros das coisas existentes.
- !23. E, novamente, se alguém desejasse especular sobre a natureza de outras coisas, ao descobrir em relação a cada uma (uma cama, por exemplo) de que partes é feita e como é montada, ele chegará a conhecer sua natureza. E, de acordo com esses argumentos, os gêneros não são os princípios das coisas existentes.
- !24. Mas se conhecemos cada coisa por meio de definições, e os gêneros são os princípios das definições, então os gêneros devem ser os princípios das coisas definidas.
- !25. E se, para adquirir conhecimento científico das coisas existentes, é necessário adquirir conhecimento científico de suas espécies, segundo as quais elas são ditas seres, então os gêneros são os princípios das espécies.

- !26. Além disso, alguns daqueles que afirmam que os elementos das coisas existentes são o um, ou o ser, ou o grande e o pequeno, parecem usar estes como gêneros.
- !27. Mas não é possível falar de princípios de ambas as formas; pois o significado de substância é um. Portanto, uma definição por meio de gêneros diferirá da que apresenta os constituintes intrínsecos.
- !28. Além disso, se os gêneros são os princípios das coisas no sentido mais pleno, surge a questão se os primeiros gêneros devem ser considerados princípios, ou aqueles que são os mais baixos e são predicados das coisas individuais. Pois isso também levanta um problema.
- !29. Pois se os universais são os princípios das coisas em maior grau, evidentemente estes devem ser os gêneros mais elevados, porque são propriamente estes que são predicados de todas as coisas existentes. Portanto, haverá tantos princípios das coisas existentes quantos forem os primeiros gêneros. Daí, o ser e a unidade serão princípios e substâncias, pois são estes especialmente que são predicados de todas as coisas existentes.

É impossível, no entanto, que a unidade ou o ser sejam um único gênero das coisas existentes; pois é necessário tanto que as diferenças de cada gênero existam quanto que cada uma seja uma. Mas é impossível que as espécies sejam predicadas das diferenças de seus próprios gêneros, ou que um gênero seja predicado independentemente de suas espécies. Se, então, a unidade ou o ser é um gênero, nenhuma diferença será uma e um ser. Mas se a unidade e o ser não são gêneros, também não serão princípios, supondo-se que os gêneros sejam princípios.

- !30. Além disso, aquelas coisas que são intermediárias e são tomadas junto com as diferenças serão gêneros até os indivíduos. Mas alguns parecem ser assim, enquanto outros não. Novamente, as diferenças são princípios em maior grau do que os gêneros; e se são princípios, os princípios serão infinitos em número, por assim dizer. E [isso aparecerá] de outra forma também se alguém sustenta que o primeiro gênero é um princípio.
- !31. Mas, por outro lado, se a unidade é um princípio específico em maior grau, e a unidade é indivisível, e tudo o que é indivisível o é ou em quantidade ou em espécie, e o que é indivisível em espécie é anterior, e os gêneros são divisíveis em espécies, então será antes o predicado mais baixo que é um. Pois o homem não é o gênero dos homens particulares.
- !32. Além disso, no caso daquelas coisas às quais se aplicam o anterior e o posterior, não é possível que haja algo que exista separado delas. Por exemplo, se o número dois é o primeiro dos números, não haverá nenhum número separado das espécies de números; nem, da mesma forma, nenhuma figura separada das espécies de figuras. Mas se os gêneros dessas coisas não [existem separados das espécies], então, no caso de outras coisas, o ensinamento será que há gêneros separados das espécies; pois destas coisas parece que há especialmente gêneros. Mas entre as coisas individuais, uma não é anterior e outra posterior.
- !33. Além disso, onde uma coisa é melhor e outra pior, aquela que é melhor é sempre anterior; de modo que não haverá gênero dessas coisas. A partir dessas considerações, então, parece que são os termos predicados dos indivíduos, mais do que os gêneros, que são princípios.
- !34. Mas, novamente, não é fácil afirmar como se deve conceber que estes sejam os princípios das coisas. Pois um princípio ou causa deve ser distinto das coisas das quais é princípio ou

causa, e deve poder existir separado delas. Mas por que se deveria pensar que algo como isso existe separado das coisas singulares, exceto que é predicado universalmente e de todas as coisas? Mas se esta é a razão, então quanto mais universais as coisas são, mais devem ser consideradas princípios. Daí, os primeiros gêneros serão princípios das coisas.

COMENTÁRIO

Q. 9: Qual é a diferença entre gêneros e elementos?

123. Após ter debatido as questões levantadas sobre as substâncias, o Filósofo agora trata dialeticamente as questões levantadas sobre os princípios. Isso se divide em duas partes. Na primeira, ele discute as questões que perguntam o que são os princípios das coisas; e na segunda (456), as questões que perguntam que tipo de coisas são os princípios ("Novamente, há o problema").

Na primeira parte desta divisão, ele discute duas questões: primeiro, se os universais são os princípios das coisas; e segundo (443), se alguns princípios são separados da matéria ("Mas há um problema").

Em relação à primeira, ele discute duas questões, das quais a primeira é se os gêneros são os princípios das coisas. A segunda (431) pergunta quais gêneros são esses, se os primeiros gêneros ou os outros ("Novamente, se os gêneros").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas: primeiro, levanta a questão; e segundo (424), trata-a dialeticamente ("Assim como os elementos").

A primeira questão diz respeito aos princípios das coisas: se é necessário aceitar ou acreditar que aqueles gêneros que são predicados de muitas coisas são os elementos e princípios das coisas, ou antes, que aquelas partes das quais cada coisa singular é composta devem ser chamadas de elementos e princípios das coisas. Mas ele acrescenta duas condições, uma das quais é "na medida em que são intrínsecas", dada para distinguir essas partes de um contrário e de uma privação. Pois o branco é dito vir do preto, ou do não-branco, embora estes não sejam intrínsecos ao branco. Logo, não são seus elementos. A outra condição é o que ele chama de "as primeiras coisas", dada para distingui-las dos componentes secundários. Pois os corpos dos animais são compostos de carne e nervos, que existem dentro do animal; contudo, estes não são chamados de elementos dos animais, porque não são as primeiras coisas de que um animal é composto, mas sim fogo, ar, água e terra, dos quais a carne e os nervos derivam seu ser.

124. Assim como os elementos (221).

Aqui ele trata esta questão dialeticamente; e quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, mostra que as primeiras coisas de que algo é composto são seus princípios e elementos. Segundo (224:C 427), argumenta o lado oposto da questão ("Mas se conhecemos"). Terceiro (227:C 430), rejeita uma resposta pela qual se poderia dizer que ambos [i.e., gêneros e partes constituintes] são os princípios e elementos das coisas ("Mas não é").

Quanto ao primeiro, dá três argumentos. O primeiro deles procede dos fenômenos naturais, no qual torna sua tese evidente por dois exemplos. O primeiro exemplo que dá é o de uma palavra, cujo princípio e elemento não se diz ser o termo comum palavra, mas sim os primeiros constituintes de que todas as palavras são compostas, que são chamados de letras. Dá como segundo exemplo os diagramas, i.e., as descrições demonstrativas de figuras geométricas. Pois os elementos desses diagramas não se diz serem o termo comum diagrama, mas sim aqueles teoremas cujas demonstrações são encontradas nas demonstrações de outros teoremas geométricos, seja de todos ou da maioria deles, porque as outras demonstrações procedem do pressuposto das primeiras demonstrações. Por isso, o livro de Euclides é chamado de *O Livro dos Elementos*, porque nele são demonstrados os primeiros teoremas da geometria, dos quais procedem as outras demonstrações.

¶25. Além disso, aqueles que (222).

Aqui dá o segundo argumento, que também emprega certos exemplos extraídos da natureza. Diz que aqueles que sustentam que os elementos dos corpos são um ou muitos, afirmam que os princípios e elementos dos corpos são aquelas coisas de que os corpos são compostos e formados como constituintes intrínsecos. Assim, Empédocles diz que os elementos dos corpos naturais são o fogo e a água e outras coisas desse tipo, que junto com estes ele chama de elementos das coisas; e os corpos naturais são constituídos dessas primeiras coisas na medida em que são intrínsecas. Além disso, eles [i.e., os filósofos da natureza] sustentavam que, além desses dois princípios, há quatro outros – ar, terra, discórdia e amizade – como foi dito no Livro I (50:C 104). Mas nem Empédocles nem os outros filósofos da natureza disseram que os gêneros das coisas são os princípios e elementos desses corpos naturais.

¶26. E também se alguém (223).

Aqui dá o terceiro argumento, que envolve coisas feitas pela arte. Diz que se alguém desejasse “especular sobre sua natureza”, i.e., sobre a definição que indica a essência de outros corpos que não os naturais, a saber, de corpos feitos pela arte humana, por exemplo, se alguém desejasse conhecer uma cama, seria necessário considerar de que partes ela é feita e como estão dispostas; e dessa forma ele conheceria a natureza de uma cama. E após isso, conclui que os gêneros não são os princípios das coisas existentes.

¶27. Mas se conhecemos (224).

Aqui argumenta o outro lado da questão. Dá três argumentos, o primeiro dos quais é o seguinte. Cada coisa é conhecida através de sua definição. Portanto, se um princípio de ser é o mesmo que um princípio de conhecer, parece que qualquer coisa que seja um princípio de definição é também um princípio da coisa definida. Mas os gêneros são princípios das definições, porque as definições são primeiramente compostas deles. Logo, os gêneros são os princípios das coisas definidas.

¶28. E se para (225)

Aqui dá o segundo argumento, que é assim. O conhecimento científico de cada coisa é adquirido conhecendo a espécie da qual ela obtém seu ser, pois Sócrates só pode ser conhecido entendendo que ele é homem. Mas os gêneros são princípios das espécies, porque as espécies das coisas são

compostas de gêneros e diferenças. Portanto, os gêneros são os princípios das coisas existentes.

¶29. Além disso, alguns daqueles (226).

Aqui dá um terceiro argumento, que se baseia na autoridade dos platônicos, que sustentavam que o um e o ser são os princípios das coisas, e também o grande e o pequeno, que são usados como gêneros. Portanto, os gêneros são os princípios das coisas.

¶30. Mas não é possível (227)

Aqui ele exclui uma resposta que diria que ambos são princípios. Ele diz que é impossível afirmar que ambos são "princípios", ou seja, tanto os elementos, ou as partes das quais algo é composto, quanto os gêneros. Ele prova isso com o seguinte argumento. De cada coisa há um conceito definido que expõe sua substância, assim como também há uma substância de cada coisa. Mas o conceito definitivo que envolve os gêneros não é o mesmo que envolve as partes das quais uma coisa é composta. Portanto, não pode ser verdade que cada definição indique a substância de uma coisa. Mas o conceito definitivo que indica a substância de uma coisa não pode ser extraído de seus princípios. Logo, é impossível que tanto os gêneros quanto as partes das quais as coisas são compostas sejam, simultaneamente, princípios, e o ser não pode ser gênero de todos os princípios das coisas.

¶31. Além disso, se os gêneros (228).

Em seguida, ele trata da segunda questão de forma dialética. Primeiro, levanta a questão; e segundo (432), traz argumentos relativos a esta questão ("Pois, se os universais").

Assim, ele diz que, se considerarmos que os gêneros são os princípios das coisas no sentido mais pleno, quais desses gêneros devem ser considerados princípios das coisas em maior grau? Devemos considerar aqueles "gêneros" que são primeiros em número, ou seja, os mais comuns, ou também os gêneros inferiores, que são predicados proximamente do indivíduo, isto é, as espécies ínfimas? Pois isso é passível de questionamento, como fica claro pelo que se segue.

¶32. Pois, se os universais (229).

Aqui ele argumenta sobre a questão proposta; e, quanto a isso, faz três coisas. Primeiro, introduz argumentos para mostrar que os primeiros gêneros não podem ser princípios. Segundo (231:C 436), introduz argumentos para mostrar que as últimas espécies deveriam ser chamadas de princípios das coisas ("Mas, por outro lado"). Terceiro (234:C 441), ele debate a questão proposta ("Mas, novamente, é").

Quanto ao primeiro (229), ele apresenta três argumentos, dos quais o primeiro é assim: se os gêneros são princípios na medida em que são mais universais, então aqueles que são mais universais, ou seja, aqueles que são predicados de todas as coisas, devem ser os primeiros gêneros e os princípios das coisas no mais alto grau. Portanto, haverá tantos princípios das coisas quantos forem os gêneros mais comuns desse tipo. Mas os mais comuns de todos os gêneros são o uno e o ser, que são predicados de todas as coisas. Logo, o uno e o ser serão os princípios e as substâncias de todas as coisas. Mas isso é impossível, porque o uno e o ser não podem ser gêneros

de todas as coisas. Pois, sendo o uno e o ser os mais universais, se fossem princípios de gêneros, seguir-se-ia que os gêneros não seriam os princípios das coisas. Portanto, a posição que sustenta que os gêneros mais comuns são princípios é impossível, porque dela segue o oposto do que se sustentava, isto é, que os gêneros não são princípios.

133. Que o ser e o uno não podem ser gêneros, ele prova com este argumento: como uma diferença adicionada a um gênero constitui uma espécie, uma espécie não pode ser predicada de uma diferença sem um gênero, ou um gênero sem uma espécie. Que é impossível predicar uma espécie de uma diferença é claro por duas razões. Primeiro, porque uma diferença se aplica a mais coisas do que uma espécie, como diz Porfírio; e segundo, porque, como uma diferença é dada na definição de uma espécie, uma espécie só pode ser predicada essencialmente de uma diferença se esta for entendida como sujeito de uma espécie, como o número é o sujeito da paridade, em cuja definição ele é dado. Isso, porém, não é o caso; antes, uma diferença é um princípio formal de uma espécie. Portanto, uma espécie não pode ser predicada de uma diferença, exceto, talvez, de modo incidental. Da mesma forma, também um gênero, tomado em si mesmo, não pode ser predicado de uma diferença por predicação essencial. Pois um gênero não é dado na definição de uma diferença, porque uma diferença não participa de um gênero, como é afirmado no Livro IV dos *Tópicos*; nem uma diferença é dada na definição de um gênero. Portanto, um gênero não é predicado essencialmente de uma diferença de modo algum. No entanto, é predicado daquilo que "tem uma diferença", ou seja, de uma espécie, que contém realmente uma diferença. Por isso, ele diz que uma espécie não é predicada das diferenças próprias de um gênero, nem um gênero independentemente de sua espécie, porque um gênero é predicado de suas diferenças na medida em que elas inerem em uma espécie. Mas nenhuma diferença pode ser concebida da qual o uno e o ser não sejam predicados, pois qualquer diferença de qualquer gênero é um uno e um ser; caso contrário, não poderia constituir nenhuma espécie una de ser. É impossível, então, que o uno e o ser sejam gêneros.
134. Além disso, aquelas coisas (230)

Em seguida, ele apresenta o segundo argumento, que é assim: se os gêneros são chamados de princípios por serem comuns e predicados de muitas coisas, então, por igual razão, todas aquelas coisas que são princípios por serem comuns e predicadas de muitas terão de ser gêneros. Mas todas as coisas que são intermediárias entre os primeiros gêneros e os indivíduos, ou seja, aquelas que são consideradas juntamente com algumas diferenças, são predicados comuns de muitas coisas. Portanto, são tanto princípios quanto gêneros. Mas isso é evidentemente falso. Pois algumas delas são gêneros, como as espécies subalternas, enquanto outras não são, como as espécies ínfimas. Não é verdade, então, que os primeiros gêneros ou os gêneros comuns sejam os princípios das coisas.

135. Além disso, se os primeiros gêneros são princípios, porque são os princípios pelos quais conhecemos as espécies, então as diferenças serão princípios em maior grau, porque as diferenças são os princípios formais das espécies; e a forma ou atualidade é principalmente o princípio do conhecimento. Mas é inconveniente que as diferenças sejam os princípios das coisas, porque, nesse caso, haveria um número infinito de princípios, por assim dizer; pois as diferenças das coisas são infinitas, por assim dizer; não infinitas na

realidade, mas para nós. Que são infinitas em número revela-se de duas maneiras: de um modo, se considerarmos a multidão das diferenças em si mesmas; de outro modo, se considerarmos o primeiro gênero como um primeiro princípio, pois evidentemente inúmeras diferenças estão contidas sob ele. Os primeiros gêneros, então, não são os princípios das coisas.

¶36. Mas, por outro lado (231).

Em seguida, ele mostra que as espécies ínfimas são princípios em maior grau do que os gêneros. Ele apresenta três argumentos, dos quais o primeiro é assim: segundo os platônicos, é o uno que parece ter a "natureza" ou caráter de princípio no mais alto grau. De fato, a unidade tem o caráter de indivisibilidade, porque um uno é meramente um ser indiviso. Mas uma coisa é indivisível de dois modos, a saber, em quantidade e em espécie: em quantidade, como o ponto e a unidade, e isso é um tipo de indivisibilidade oposta à divisão da quantidade; e em espécie, como o que não é dividido em muitas espécies. Mas desses dois tipos de indivisibilidade, o primeiro e mais importante é a indivisibilidade em espécie, assim como a espécie de uma coisa é anterior à sua quantidade. Portanto, aquilo que é indivisível em espécie é mais princípio do que aquilo que é indivisível em quantidade. E na divisão da quantidade, o gênero parece ser mais indivisível, porque há um gênero de muitas espécies; mas na divisão da espécie, uma espécie é mais indivisível. Portanto, o termo último que é predicado de muitos, que não é um gênero de muitas espécies, ou seja, a espécie ínfima, é uno em maior grau em espécie do que um gênero; por exemplo, homem ou qualquer outra espécie ínfima não é o gênero de homens particulares. Portanto, uma espécie é princípio em maior grau do que um gênero.

¶37. Além disso, no caso de (232).

Em seguida, ele apresenta o segundo argumento, baseado em uma certa posição de Platão; pois, em um momento, Platão sustentou que há algo uno que é predicado de muitas coisas sem prioridade e posterioridade, e que isso é uma unidade separada, como o homem é separado de todos os homens; e, em outro momento, ele sustentou que há algo uno que é predicado de muitas coisas segundo prioridade e posterioridade, e que isso não é uma unidade separada. É isso que Aristóteles quer dizer quando afirma "no caso daquelas coisas às quais se aplicam o anterior e o posterior", ou seja, que quando uma das coisas das quais um termo comum é predicado é anterior a outra, é impossível, nesses casos, que exista algo separado das muitas coisas das quais esse termo comum é predicado. Por exemplo, se os números estão em uma sequência tal que o dois é a primeira espécie de número, não se encontrará nenhuma ideia separada de número que exista à parte de todas as espécies de números. E, pelas mesmas razões, não se encontrará nenhuma figura separada que exista à parte de todas as espécies de figuras.

¶38. A razão para isso pode ser que um atributo comum é considerado separado para ser alguma entidade primeira na qual todas as outras coisas participam. Se, então, essa entidade primeira é um uno aplicável a muitas coisas, no qual todas as outras coisas participam, não é necessário sustentar que existe alguma entidade separada na qual todas as coisas participam. Mas todos os gêneros parecem ser coisas desse tipo, porque todos os tipos de gêneros são encontrados diferindo na medida em que são mais ou menos perfeitos e, assim, na medida em que são anteriores e posteriores na natureza. Portanto, se naqueles casos em que uma coisa é anterior a outra é impossível considerar

algo comum como uma entidade separada, supondo que haja um gênero à parte das espécies, então “no caso das outras coisas, o ensinamento” será [diferente], ou seja, haverá outra doutrina e regra sobre elas, e a regra anterior não se aplicará a elas. Mas considerando os indivíduos de uma mesma espécie, é evidente que um deles não é anterior e outro posterior na natureza, mas apenas no tempo. E, assim, segundo o ensinamento de Platão, uma espécie é separada. Visto que, então, essas coisas comuns são princípios na medida em que são separadas, segue-se que uma espécie é princípio em maior grau do que um gênero.

¶39. Além disso, onde uma coisa (233)

Aqui ele apresenta o terceiro argumento, que utiliza as noções de “melhor ou pior”. Pois, em todos aqueles casos em que uma coisa é melhor que outra, o que é melhor é sempre anterior na natureza. Mas não se pode considerar que exista um gênero comum daquelas coisas que existem dessa maneira. Portanto, não se pode considerar que exista um gênero separado no caso daquelas coisas em que uma é melhor e a outra é pior; e, assim, a conclusão é a mesma que a anterior. Pois este argumento é introduzido para fortalecer o precedente, por assim dizer, ou seja, com vistas a mostrar que há prioridade e posterioridade entre as espécies de qualquer gênero.

¶40. E a partir desses três argumentos, ele tira a conclusão na qual está principalmente interessado, a saber, que as espécies mais baixas, que são predicadas imediatamente dos indivíduos, parecem ser os princípios das coisas em maior grau do que os gêneros.

¶41. Mas, novamente, não é (234).

Aqui ele argumenta o lado oposto da questão, como se segue: um princípio e uma causa são distintos das coisas das quais são princípio e causa, e são capazes de existir à parte delas. E isso é verdade, porque nada é causa de si mesmo. Ele está falando aqui de princípios e causas extrínsecos, que são causas de uma coisa em sua totalidade. Mas a única coisa que se considera existir à parte das coisas singulares é o que é comum e universalmente predicado de todas as coisas. Portanto, quanto mais universal uma coisa é, mais separada ela é, e mais deve ser considerada como princípio. Mas os primeiros gêneros são os mais universais. Portanto, os primeiros gêneros são os princípios das coisas no mais alto grau.

¶42. Ora, a solução para essas questões está implícita neste último argumento. Pois, segundo este argumento, gêneros ou espécies são considerados princípios universais na medida em que são considerados separados. Mas o fato de não serem separados e subsistentes por si mesmos é mostrado no Livro VII (1592) desta obra. Daí o Comentador também mostra, no Livro VIII, que os princípios das coisas são matéria e forma, aos quais gênero e espécie têm alguma semelhança. Pois um gênero deriva da matéria e a diferença, da forma, como será mostrado no mesmo livro (720). Portanto, visto que a forma é mais um princípio do que a matéria, conseqüentemente as espécies serão princípios mais do que os gêneros. Mas a objeção que é levantada contra isso, com base no fato de que os gêneros são os princípios do conhecimento de uma espécie e de suas definições, é respondida da mesma forma que a objeção levantada sobre sua separabilidade. Pois, uma vez que um gênero é entendido separadamente pela mente sem entender suas espécies, ele é um princípio de conhecimento. E, da mesma forma, seria um princípio de ser, supondo que tivesse um ser separado.

Revision #1

Created 7 September 2026 16:38:10 by Admin

Updated 7 September 2026 16:38:44 by Admin